

O SORRISO DO

HOMEM MAU

E OUTROS CONTOS POLICIAIS

RAPHAEL MONTES

Benvirá

# DADOS DE COPYRIGHT

## Sobre a obra:

A presente obra é disponibilizada pela equipe [Le Livros](#) e seus diversos parceiros, com o objetivo de oferecer conteúdo para uso parcial em pesquisas e estudos acadêmicos, bem como o simples teste da qualidade da obra, com o fim exclusivo de compra futura.

É expressamente proibida e totalmente repudiável a venda, aluguel, ou quaisquer uso comercial do presente conteúdo

## Sobre nós:

O [Le Livros](#) e seus parceiros disponibilizam conteúdo de domínio público e propriedade intelectual de forma totalmente gratuita, por acreditar que o conhecimento e a educação devem ser acessíveis e livres a toda e qualquer pessoa. Você pode encontrar mais obras em nosso site: [lelivros.love](#) ou em qualquer um dos sites parceiros apresentados [neste link](#).

***"Quando o mundo estiver unido na busca do conhecimento, e não mais lutando por dinheiro e poder, então nossa sociedade poderá enfim evoluir a um novo nível."***





**O SORRISO DO  
HOMEM MAU  
E OUTROS CONTOS POLICIAIS**

**RAPHAEL MONTES**

Benvirá

## Depoimento nº 220.919.90

Primeiro eu acordei. Eram seis da manhã ainda. Consigo acordar na hora que eu quero, sabe? A tia Gilda dizia que eu tenho um relógio na barriga. Devo ter mesmo...

Mas tá... eu acordei em silêncio. Coloquei os chinelos pra não pegar um resfriado como o da semana passada. Odeio resfriado. O nariz coça, e a testa dói. E semana passada foi meu aniversário ainda por cima. Muito chato ficar doente no dia do aniversário...

Agora eu tenho sete anos. Seis mais um, cinco mais dois, quatro mais três... dá tudo sete, sabe? Minha idade! O meu avô que me ensinou... ele gosta muito de matemática. Eu não gosto, porque a professora do colégio é chata. Mas mesmo assim eu tirei dez na última prova... acredita? Dez! Ninguém acreditou. Nem eu!

Tentei sair do quarto sem fazer barulho, porque meu avô ainda tava dormindo... Roncando, na verdade. Ele ronca de um jeito engraçado que me lembra aquele porco do filme, sabe? O porquinho atrapalhado... então, ele ronca igualzinho! Mas tem o sono leve. Acorda por qualquer coisa... os remédios nem adiantam mais... mas eu não queria acordar ele – coitado. Por isso saí do quarto sem fazer barulho.

Fui direto pra cozinha. Passei manteiga no pão de fôrma e coloquei na torradeira. Fiz pasta de atum também. É minha especialidade, a pasta de atum. Lá fora, ouvi um caminhão passando e fiquei com medo de que meu avô acordasse. Ele tem sono leve, eu já disse.

Eu não gosto de caminhões, na verdade. Meus pais foram embora num desses, sabe? E, sempre que ouço o barulho de um passando, tenho medo de que sejam eles voltando. E não quero que eles voltem. Não quero, não. Eles me abandonaram quando eu era bebê, meu avô me contou. Me abandonaram e nunca voltaram. Agora também não quero mais. Sou feliz com meu avô. Ele me ensina as coisas. A gente joga xadrez. E ele me conta histórias engraçadas do tempo em que era militar da Aeronáutica. Eu também quero ser militar da Aeronáutica.

Liguei a televisão, mas tava passando um negócio chato sobre natureza. Eu não ligo muito pra natureza. Desliguei a televisão. Liguei a água quente da banheira e fiquei esperando ela encher. Demora pra caramba. Uma hora quase.

Voltei pra cozinha, liguei o fogão e fiz café quentinho. Coloquei a xícara na bandeja. Coloquei também duas torradas com pasta de atum e voltei pro quarto.

Acordei meu avô com um beijo na bochecha. Ele me disse que gosta de ser acordado com beijo na bochecha, e me disse que não tem nada de mais dois homens darem beijo na bochecha em sinal de afeto e respeito. Meu avô me ensina muitas palavras bonitas, sabe? Afeto é uma delas. Adoro usar. A-FE-TO.

Ele ficou feliz com o café da manhã que preparei pra ele. E surpreso também. Mais animado ainda ele ficou quando falei que tinha enchido a banheira com água quente. Ele adora a banheira. Passa a tarde lá. Diz que a água ameniza a dor nos ossos. Ameniza. É outra das palavras que ele me ensinou. Significa diminuir. Amainar é sinônimo. Gosto de palavras diferentes e bonitas.

Quando acabou o café, ajudei ele a se levantar da cama e andar até o banheiro. Passei a mão na água. Não tinha esfriado muito ainda. Estava na temperatura certa. Água muito quente machuca a pele dele, entende? Pele fina. Enrugada. E engraçada. Do jeito que ficam as pontas dos meus dedos depois de muito

tempo no banho...

Segurei na mão dele, porque o piso da banheira escorrega. Peguei um incenso na gaveta da sala e acendi. Queria que ele relaxasse. Descansasse, entende?

Esperei meia hora. Ele já estava de olhos fechados, bem relaxado na água quentinha.

Foi então que eu perguntei sobre a bicicleta.

Ele não me ouviu, e eu perguntei de novo. Ele abriu os olhos e disse não. Disse não e voltou a fechar os olhos, sabe?

Eu fiquei triste. Muito triste na hora. E com raiva também.

Por isso que eu segurei o pescoço dele, entende? Por isso que, sem pensar, eu imergi a cabeça dele na água. Imergir é outra das palavras que ele me ensinou. Gosto dela pra caramba. Ninguém no colégio conhece, e fico me sentindo inteligente...

Segurei a cabeça dele debaixo d'água enquanto ele se debatia, arregalando os olhos de um jeito muito engraçado. Aos poucos, ele foi ficando azul, a boca fazendo bolhas na superfície, e eu achei aquilo muito divertido. Ele estava parecendo um *smurf* de tão azul! E eu gosto dos *smurfs*, sabe? Tinha vários adesivos deles na janela do meu quarto antigo.

Teve uma hora em que ele parou de se mexer, e achei que tinha cansado de brincar. Continuava azul, os olhos ainda arregalados, mas não soltava mais bolhas. Fiquei mais triste ainda. Com certeza ele tinha cansado de brincar. Perguntei mais uma vez pela bicicleta. Mas dessa vez ele nem respondeu. A raiva aumentou. Ele parecia estar de mal comigo. Foi por isso que comecei a chorar. A chorar alto. Pra ver se ele saía da banheira e me pedia desculpas... Poxa, eu tinha feito o café e enchido a banheira pra ele! Ele não podia ser tão ingrato. Ingrato é uma palavra difícil, mas não é uma palavra legal. Não gosto da palavra ingrato.

Fiquei muito tempo chorando. Berrando mesmo. Foi por isso que a vizinha entrou lá em casa e perguntou o que estava acontecendo. Deu um grito quando viu o meu avô na banheira. Depois vocês chegaram e me trouxeram pra cá. Qual é mesmo o nome disso? Delegacia, né? Irado... Eu nunca estive numa delegacia antes. O pessoal do colégio vai achar o máximo quando eu contar que estive aqui.

Não gosto de brigar com meu avô, mas depois disso tudo... Eu não podia agir de outra maneira, entende? Até porque ele tinha me prometido! Espero que ele nunca mais me negue uma bicicleta de presente de aniversário. Nunca mais. Ou vou ficar aborrecido de novo. E aborrecido não é uma palavra legal, né?

## Banquete

Mandou que as crianças comessem depressa, antes que alguém nos arredores sentisse o cheiro da comida. A separação entre as casas no vilarejo era de uma parede fina de cimento, e, com isso, a família ao lado poderia – depois de tanto tempo sem se alimentar – ter aguçado o olfato e perceber que eles, ao contrário de todos, ainda tinham o que comer.

Felika se julgava esperta. Enterrara entre a neve e a terra todo o alimento, portanto nada chegou a ser apreendido quando os guardas passaram fazendo a coleta. Escolhera com cuidado o local do esconderijo – um espaço de meio metro quadrado atrás da fossa do terraço – e sabia administrar com natural cautela a guarnição restante, para que não morressem de fome até que Anatole voltasse.

Veza ou outra, olhava pela janela, na esperança suplicante de ver o marido retornando ao vilarejo; um ou dois coelhos na sacola para alimentar os três filhos que deixara para trás.

– Vou buscar comida. Se ficarmos aqui, vamos morrer de fome ou de frio como todos os outros – dissera Anatole, vestindo-se para enfrentar os vinte graus negativos lá fora. – Eu volto.

Sessenta e três dias passados, e o marido ainda não havia aparecido. Não acreditava que tivesse fugido e abandonado a família. Tampouco que tivesse morrido. Anatole era um homem forte, de coragem. Estaria de volta a qualquer momento, sem dúvida. Cabia a ela mantê-los vivos enquanto isso. As crianças comiam de três em três dias. Já ela, que era adulta e acostumada ao roncar da barriga, apenas de quatro em quatro. Pelos seus cálculos, os mantimentos do esconderijo ainda durariam por uns dois meses até que morressem de fome.

O velho estava certo. O vilarejo vinha sendo dizimado. Nos últimos tempos, as mortes eram cada vez mais frequentes, e o luto sentara-se à mesa. Ninguém chorava os mortos. Não podiam desperdiçar as poucas energias lamentando a partida dos que não tinham suportado o frio e a fome. Fazia duas semanas que Irina, a vizinha da direita, havia gritado durante toda a madrugada a morte de seu bebê. No dia seguinte, estava morta também. Tinha sido burra. Felika não era burra e não se permitia sentir pena daquela gente. Num passado distante, aquelas pessoas tinham sido suas amigas. Jantavam juntas e riam, embaladas na vodca. Agora não mais. Se soubessem que Felika escondia restos de raízes e brotos, além de alguns ossos de rato para dar sabor de carne ao caldo, tirariam tudo da família. Iam querer dividir entre todos, como se ela também fosse responsável pela vida deles!

– Comam, comam – murmurou mais uma vez, evitando gritar, para não se cansar sem necessidade.

Não queriam comer. O caldo estava sem gosto, num tom avermelhado. Felika decidiu não brigar. Se brigasse, as crianças iriam chorar, e isso as faria perder energia. Melhor deixar que comessem apenas quando estivessem com fome.

Bebeu todo o caldo em sete goladas e escondeu a cumbuca atrás da lareira.

Tão acostumada ao silêncio da miséria, Felika se assustou ao ouvir os passos de alguém caminhando na neve, aproximando-se. Com as forças que lhe restavam, correu para a janela e abriu uma fresta na cortina, que havia fechado para que os vizinhos não os vissem sentados à mesa de jantar. Perscrutou com os olhinhos assustados a imagem de alguma figura humana contrastando com a brancura da neve. Não avistou ninguém. Pensou que estava tendo alucinações. Mas os passos se repetiram, e, por um segundo,

ela supôs que Anatole tivesse voltado. Encheu-se de alegria.

Não podia, no entanto, ficar desprevenida: os saques às residências em busca de alimento eram cada vez mais frequentes naquele vilarejo. Junto à mesa de jantar, pegou a faca afiada que havia utilizado para fatiar a carne. Aproximou-se da porta, os ouvidos aguçados, e esperou que a pessoa chegasse mais perto.

– Todos para a cama. Vamos, vamos. Deitar! – ordenou às crianças.

O sol ainda despontava no céu cinzento, mas ela não podia deixar que as crianças brincassem na área externa. Os vizinhos as veriam bem dispostas e começariam a se questionar como Felika fazia para mantê-las vivas por tanto tempo. Queria evitar confusões. Como se também estivessem cansadas, as crianças nem sequer discutiram com a mãe: apenas continuaram na mesa, as mãozinhas pousadas sobre os talheres imundos.

A batida na porta veio seca. Felika novamente abriu uma fresta, na tentativa de identificar o visitante inesperado. Vislumbrou o perfil ressequido da sra. Helga. Usava um vestido pesado de cores escuras, uma manta grossa enrolada no pescoço fino, e trazia na mão direita uma enorme sacola de pano. A mão esquerda se escondia provocativamente num dos bolsos do vestido, como se também segurasse algum objeto. Felika calculou que não via a sra. Helga havia uns onze meses e, na verdade, julgava que a velha senhora já teria morrido. Não supôs que uma cega fosse suportar por tanto tempo aquele frio glacial.

– Que é? – murmurou, sem girar o ferrolho.

– Preciso falar com você – disse a sra. Helga, a voz arfante e rouca.

Felika não respondeu. Melhor esperar que ela fosse embora.

– Preciso falar com você – repetiu a idosa. – Coisas estranhas estão acontecendo.

A fome havia desprovido Felika de qualquer curiosidade acerca da vida alheia. Há meses não tinha contato com nenhum morador do vilarejo e pretendia continuar assim até que Anatole voltasse com alimento.

– Não vou abrir a porta.

– Eu não estou com os guardas, Felika. As coletas cessaram há mais de três meses. Não precisa temer.

O tom da sra. Helga soava doce e sedutor. Era gostoso escutar uma voz diferente depois de tanto tempo.

– Não acredito em você, velha. Vá embora.

– As estradas estão todas bloqueadas pela neve. É praticamente impossível entrar ou sair do vilarejo sem ser morto pelo frio. Preciso que me ajude. Coisas estranhas estão acontecendo.

*Coisas estranhas estão acontecendo...*

Era a segunda vez que a sra. Helga murmurava aquela frase. O que pretendia?

Como se Felika tivesse perguntado alguma coisa, a mulher continuou:

– Astor está morto. Alguém o matou.

Astor era o cão-guia da sra. Helga, sua única companhia desde que o coronel Dimitri morrera na guerra. Anos atrás, era Astor quem anunciava ao vilarejo o amanhecer; seu vigoroso latido de husky ganhava caminho entre os becos e vielas da pequena região. Nos últimos meses, o latido de Astor cessara, , mas isso não espantou Felika. Supôs que o cachorro havia morrido junto com a dona.

– Alguém o matou – repetiu a velha. – Veja você mesma.

Felika abriu a cortina. A sra. Helga estudou Felika com os olhos vazios, um negrume aterrador no lugar onde deveria haver os globos oculares.

– Mataram o meu Astor – disse novamente, e uma lágrima escorreu pelo rosto ossudo.

Abriu a sacola de pano.

Felika teve ânsia de vômito quando a velha esticou o braço, revelando o crânio do cachorro, fiapos de

pelo presos em pontos de sangue coagulado. Moscas varejeiras brincavam no esqueleto do cão.

– Retiraram toda a carne dele. Só sobrou isso – disse a sra. Helga, ressentida.

Felika fechou um pouco mais a cortina, tomando cuidado para que as crianças não vissem aquela imagem do cão decepado. Estava genuinamente enojada.

– Eu quero saber quem matou o meu Astor.

– Não sei velha. Não fiz nada – murmurou Felika, sem nenhum interesse naquele assunto. Tinha preocupações maiores do que a morte de um cachorro.

– Quem pode ter feito isso?

– Não sei velha, já disse. Não saio de casa há meses. Tente com Ivan, o ferreiro. Ele sempre sabe de tudo.

– Já bati na porta dele. Ele não atendeu. Tentei em outras seis casas: Jekaterina; Latasha; Irina; o obeso Mikhail; as irmãs Vália e Vonda. Nenhum deles me atendeu. Até mesmo Krieger, o manco, que nunca sai de casa, parece ter saído. É como se o vilarejo estivesse vazio, Felika. Todos foram embora.

– Não me interessa isso. Não abro a porta enquanto Anatole não voltar.

– Tenho me sentido muito sozinha. Me deixa entrar.

Felika lançou um olhar medroso ao braço esquerdo da sra. Helga; um súbito arrepio percorreu-lhe o corpo ao imaginar que a velha cega poderia estar armada. Um revólver ou até mesmo uma faca. Não exporia sua família com tanta facilidade.

– Não abro a porta.

– Precisava conversar com alguém...

– Não tem problema, velha. Já conversamos. Agora vai e trate de se manter viva.

A sra. Helga sorriu, exibindo as gengivas escurecidas, desprovidas de dentes. Sacudiu a cabeça num ar desesperançoso.

– Nós vamos todos morrer, Felika. Cedo ou tarde, a fome e o frio vão nos matar. Brígida partiu há uma semana. Morreu dormindo. Os ossos congelados.

A sra. Brígida era irmã da sra. Helga e morava na casa ao lado. Felika pensou que deveria expressar suas condolências, mas não queria se esforçar muito.

– Vá embora antes que morra também, velha. Quando Anatole voltar, faço uma visita. – E fechou a cortina. Auscultou a idosa afastar-se a passos curtos e, então, o silêncio sepulcral reconquistar o vilarejo.

Voltou-se para os filhos que, ainda sentados, pareciam ter prestado atenção a toda a conversa. O caçula Rurik estava assustado, os olhinhos verdes girando perdidos sobre a mesa. Felika decidiu contar-lhes uma história. Narrou com zelo materno a fábula de um jovem guerreiro que, anos atrás, lutara contra monstros em defesa da família. Tentava encontrar detalhes pitorescos para preencher a aventura, mas uma dor de cabeça mórbida a impedia de realizar longos mergulhos na imaginação. Entre fadas e dragões, Felika levou outro susto quando novamente bateram à porta. Não podia acreditar que a impertinente sra. Helga havia voltado! Caminhou pesadamente na direção da entrada, preparada para dar uma bronca na mulher. Abriu as cortinas e mal pôde conter a emoção. Era seu homem! Anatole! Gargalhou de felicidade. Abriu a porta num rompante e deu-lhe um beijo no rosto. Anatole também sorria. Abriu de leve o saco que trazia nas costas, e Felika viu que o marido tinha capturado mais coelhos e ratos. Não passariam fome.

– Você... Você parece ótima, querida! – disse o marido, apertando-lhe as bochechas fartas. Estava espantado que a esposa estivesse tão sadia e corada depois dos vários dias isolada naquele vilarejo sem alimentos.

– Tenho dado meu jeito.

– Fico feliz! Sou até capaz de dizer que está um tanto mais... Gorda!

– Ora, não seja bobo, Anatole!

– Onde estão as crianças?

– Na mesa. Jantando. Vamos comemorar! – exaltou-se Felika, estalando outro beijo na bochecha do marido.

Anatole recuou ao olhar para a sala. Sentiu o corpo tontear e teve que se apoiar na poltrona para não cair ao chão. Olhou para o rosto da mulher e percebeu que ela continuava a sorrir, como se aquilo fizesse algum sentido. Vomitou a pouca comida que guardava no estômago.

Espalhados pelo pequeno cômodo, Anatole reconheceu os corpos de vários moradores do vilarejo. Deitado no sofá, sem a cabeça, estava o corpo de Krieger, o manco. Logo ao lado, o cadáver de Ivan, o ferreiro, tinha uma faca rústica cravada no peito. Mais próximo à lareira, os corpos de Vália e Vonda, enfiados em espetos compridos, pareciam esperar o momento de serem assados.

Nauseado, Anatole correu para a sala de jantar. Os corpos de seus três filhos jaziam desmembrados ao redor da mesa. Um véu escarlate se lançava por sobre pratos e cadeiras. Partes de braços e pernas infantis saíam da travessa fumegante pousada na toalha de mesa com motivos florais. Anatole reconheceu num prato mais à esquerda a perna do pequeno Rurik, a coxa rechonchuda boiando num caldo avermelhado.

– O que... O que você fez?! – perguntou Anatole, sacudindo a cabeça.

Felika caminhou sorridente até a mesa. Acariciou com zelo a cabeça da jovem Maisha, espetada por um garfo de quatro dentes.

– Viram, crianças? O pai trouxe comida. Não vamos mais passar fome – comentou, roendo um dedinho tostado que restara em seu prato.

Anatole chorou, desprovido de qualquer força ou vontade de viver.

– Ora vamos, querido, venha dar um beijo nos seus filhos. Sente-se à mesa! Hoje é um dia especial... Vou preparar um banquete para o jantar!

# Café

Bebo o primeiro gole.

Nasci em uma cidade no interior de Minas Gerais chamada Pingo d'Água no ano de 1953. Meu pai era o maior fazendeiro da região naquela época, e minha mãe ficava em casa tomando os devidos cuidados comigo e com meu irmão: costurava as nossas roupas, fiscalizava as empregadas, ensinava-nos a ler, escrever e jogar xadrez. Aprendemos também a nos portar bem à mesa e a tratar com cerimônia os convidados. Quando entramos na escola, eu e meu irmão superamos sem grandes dificuldades os mistérios das letras e dos números e, sem dúvida, éramos os mais cultos do lugar.

Bebo o segundo gole.

Conheci a Lurdinha nos meus quinze anos. Era neta de uma das amigas de mamãe e morava em São Paulo. Vinha todo semestre passar as férias na fazenda dos avós. Pouco a pouco, Lurdinha me alimentou com as maravilhas da cidade grande. Alimentou-me também com essa sensação estranha que é o amor, entranhando-se lentamente em minhas carnes sem que eu sequer pudesse me dar conta.

Bebo o terceiro gole.

Meus pais receberam bem a minha decisão de cursar a faculdade em São Paulo. Lurdinha e eu já namorávamos havia três anos e, agora que nos tornávamos adultos, não havia por que manter a larga distância que nos separava. Nos anos em que cursei Economia na USP, morei em um apartamento próximo à Paulista, financiado pela mesada que papai depositava na conta-corrente. Foram mais dois anos até que Lurdinha saísse de casa e viesse morar comigo.

Bebo o quarto gole.

Os pais dela gostavam de mim e ficaram felizes quando falamos em casamento. Depois de cinco anos juntos, já era hora de constituir uma família. Lurdinha e eu, com o tempo, havíamos estabelecido uma relação especial, desprovida de desconfianças ou medos, pautada no companheirismo diário. Parecia história de novela. Coisa boa mesmo de se viver.

Bebo o quinto gole.

Os gêmeos nasceram quase na mesma época em que a corretora fez sucesso. Um ano antes, terminada a faculdade e decidido a não voltar a cuidar de fazendas no interior de Minas Gerais, tive a ideia de abrir uma corretora de valores para investir no mercado de ações, um ramo em franca expansão para as classes médias naquela época. O boom dos investidores trouxe lucros inesperados, e, uma vez que agora éramos quatro, comprei um apartamento maior para a nossa família.

Bebo o sexto gole.

Agora, olhando como tudo aconteceu, parece impossível explicar exatamente como se constrói tamanho império econômico. Lembro-me dos tempos da escola, da festa junina em que conheci Lurdinha, das madrugadas estudando gráficos e derivadas, do apartamentinho em São Paulo e dos meninos no berçário da maternidade. Não sei como cheguei ao que tenho hoje. A vida sorriu para mim. Deu-me uma mulher maravilhosa, filhos saudáveis, um conglomerado empresarial de bases sólidas, uma mansão no Morumbi, algumas casas espalhadas pelo mundo, mas...

Bebo o sétimo gole.

Isto não está certo. Tanta felicidade e sorte tecendo toda a vida de uma mesma pessoa. Basta olhar para o lado. O mundo está repleto de bosta. Criancinhas estupradas, famílias padecendo de fome, de inveja e de câncer, colegas do trabalho que querem te ver fodido, assassinos que matam pelo simples prazer de ver o sangue jorrar de um pescoço estraçalhado. Antevejo o dia em que o azar virá me cobrar o seu atraso. Antevejo a minha fortuna ruindo e a miséria a me fazer companhia. Antevejo uma dor me consumindo e me fazendo urrar. Antevejo o sequestro dos meus filhos. Antevejo a minha mulher – falsa por toda uma vida – fugindo para viver com o amante...

Do auge da minha felicidade, antevejo o meu fim e, antes que ele venha, bebo o último gole do café envenenado.

# Tudo o que me falta

Digito as últimas palavras. Salvo o arquivo, imprimo, leio, releio.

Uma bosta.

Os personagens não têm vida; o motivo do ciúme é tosco; o detetive, um completo idiota; a solução ao final de trezentas páginas é patética.

Tenho raiva pelo tempo gasto. A vontade é de jogar a porra toda fora.

Abro o arquivo, releio frases desconexas. Falta ousadia, falta sentimento.

Ela nunca teria matado o cara só porque era traída. Não ela, Eva Green, ambiciosa e decidida. Mais fácil a outra, a sobrinha, uma imbecil.

Os personagens se misturam e carecem de sentido. São todos iguais, insossos, feitos na mesma fôrma de bolo. Minha própria criação de merda.

Falta criatividade.

Preparo um chá, acendo um charuto, folheio o jornal. Preciso voltar ao texto, enfrentá-lo, desvendá-lo, mostrar quem manda aqui.

Falta incentivo. Falta autoestima.

Depois de cento e trinta e sete romances escritos... Depois de cento e trinta e sete romances publicados sob um pseudônimo gringo numa revistinha vagabunda de banca de jornal... Depois de cento e trinta e sete romances vendidos a cinco reais... Meu irmão, você pira. Fica doido. E também não consegue fazer mais nada que preste.

Você vira máquina. Vira meta, objetivo, prazo.

Falta humanidade.

Não interessa o que falta. O importante é ter, no mínimo, cento e cinquenta páginas prontas a cada bimestre. Isso, sim. Cento e cinquenta páginas. Senão, o editor me mata. E chama outra máquina pra fazer o serviço.

Falta competitividade.

Estou cagando pro editor. Estou cagando pra qualidade da história. Qual o problema de Eva Green não ter um bom motivo pra matar o marido milionário? Caralho, as pessoas fazem coisas sem motivo! Matam por matar. Riem só por rir. Elogiam por elogiar. Escrevem cento e trinta e sete livros só por escrever.

Por que agora, no centésimo trigésimo oitavo livro, venho refletir sobre a qualidade dessas porcarias? A história é igual às outras: uma mulher estonteante – lábios vermelhos, seios fartos, voz sedutora – chegando ao escritório do detetive, um triângulo amoroso, um crime sanguinolento, umas cenas de luta, outras cenas de sexo e, pronto, fim. Mês que vem já tem outro livro de Bob Hamilton nas bancas de jornal de todo o Brasil.

Tenho vontade de rir quando penso em Bob Hamilton.

Nome tosco da porra.

Bob Hamilton sou eu. Eu e mais uma outra máquina que reveza comigo. Somos Bob Hamilton. Escritor de sucesso norte-americano que já foi pedreiro, vaqueiro, entregador de pizza, locutor, caixa de supermercado, assistente de farmácia, trompetista, sexólogo, livreiro, agente da CIA e o caralho a quatro.

Atualmente, vive com a esposa, três filhos, quatro cachorros e vinte papagaios numa fazenda em Ohio.

Falta personalidade.

Às vezes, fico imaginando o que pensariam se descobrissem a verdadeira biografia de Bob Hamilton: Rio de Janeiro, Copacabana numa quitinete herdada da mãe, escritor, alcoólatra periódico, faculdade de jornalismo incompleta, odeia crentes e políticos, não tem esposa, nem filhos, nem cachorros, nem papagaios. Prefere as universitárias de biblioteconomia e o sotaque do Sul.

Falta sexo.

Não sei muito bem o que me faz começar o livro seguinte. Falta ânimo, falta autocrítica, falta do que fazer. Isso, sim. Escrevo porque é a única coisa que sei fazer. E é a única coisa que presta minimamente. Ou prestava.

Tocam a campainha. Atendo. É a outra máquina, a outra metade de Bob Hamilton. Diz olá e vai entrando. Senta na poltrona e pede um charuto, como se fosse o dono da casa, o filho da puta. Digo que fumei o último e ofereço água. Quer água?

Ele diz que não, que tem pressa e que só veio dar um recado. Diz que não é mais Bob Hamilton. Que agora eu terei que trabalhar mais. Que agora eu serei Bob Hamilton inteiro. Cento e cinquenta páginas todo mês. Dá um jeito.

Pergunto se ele ganhou na Sena, se mudou de vida, se agora vai viver com esposa, três filhos, quatro cachorros e vinte papagaios numa fazenda em Ohio.

Falta humor.

Ele ri mesmo assim. Ri e diz que cansou dessa vida. Que cansou de não ter o próprio nome na capa do livro. Que cansou de escrever a mesma merda de sempre. Vai mudar de editora. Vai lançar um livro que preste. Vai ser rico, famoso e essas porras todas. O novo Paulo Coelho. Maktub.

Minha vez de rir.

Ele ergue o envelope pardo. Aqui está o manuscrito. Digo que não acredito. Ele diz que não preciso acreditar. Diz que preciso escrever. Falta tempo. Cento e cinquenta páginas por mês. Diz que está com pressa, que vai se encontrar com o novo editor, que vai entregar o manuscrito, que vai assinar contrato, que essa vida de bosta é passado, que essa vida de bosta é só minha agora.

Falta respeito.

Ofereço um uísque, e uísque ele aceita. Vou à cozinha, trago o uísque e a faca. Sirvo o uísque. Enfio a faca no coração. Ele grita, regurgita, morre. O corpo no sofá, o copo espatifado no chão, cubinhos de gelo boiando no sangue. E o envelope pardo.

Pego. Leio.

Capítulo um. Dois escritores fracassados. O nome dele. O meu nome. Duas metades de Bob Hamilton. Vida que segue, vida que afunda.

Uma ideia genial. Um dos personagens – o que tem o nome dele – decide mudar de vida. Escreve um livro. Sabe que vai ser sucesso. Sabe que vai ser rico, famoso e essas porras todas. O novo Paulo Coelho.

Acho divertida a metalinguagem. Continuo lendo.

O personagem com o nome dele vem ao encontro do personagem com o meu nome. O personagem com o nome dele diz que cansou dessa vida, que cansou de não ter o próprio nome na capa do livro, que cansou de escrever a mesma merda de sempre. Mostra o envelope pardo e diz que está com pressa, que vai se encontrar com o novo editor, que vai entregar o manuscrito, que vai assinar contrato, que essa vida de bosta é passado, que essa vida de bosta é só dele agora.

Metalinguagem do caralho.

O personagem com meu nome mata o personagem com o nome dele. Faca no coração. Mata por raiva. Por inveja. Para roubar a ideia. As pessoas não precisam de um motivo pra matar. Nem pra rir, nem pra elogiar, nem pra escrever cento e trinta e sete livros.

Continuo a ler a porra do manuscrito, e, no final, vem a carta. A carta em que o personagem com o nome dele explica ao personagem com meu nome que sabia que seria assassinado. Que sabia que ele não resistiria à curiosidade e lhe enfiaria uma faca no coração. Que sabia que estava fadado ao insucesso. Que havia avisado à polícia do crime. E que ela chegaria a qualquer momento.

Solto uma gargalhada. Olho pra porta. Solto outra gargalhada.

Que merda de manuscrito é esse?

Tocam a campainha.

Que merda de manuscrito é esse?

Tocam a campainha de novo.

Pego a faca no chão. Caminho na direção da porta.

Falta coragem.

Seguro a maçaneta. Seguro a faca. Sei que vou usá-la. Sei que a polícia me espera do outro lado.

Filho da puta.

Ergo a faca.

Abro a porta.

A vizinha se assusta. Diz que só queria um pouco de açúcar. Explica que o açúcar acabou. Que ela está muito velha pra ficar descendo a escada. Que é um absurdo que esses prédios de Copacabana não tenham elevador. Pede açúcar mais uma vez.

Dou o açúcar pra velha. Volto pra dentro de casa. O sangue no chão, o corpo da outra metade de Bob Hamilton com um corte no peito. Releio o manuscrito. O filho da puta denunciou pra polícia que seria assassinado quando me visitasse. O filho da puta escreveu isso num livro. O filho da puta pretendia fazer sucesso em cima da própria morte. A polícia chegando e me flagrando com o livro nas mãos. Bestseller na certa.

Mas a polícia não veio. A polícia não deu crédito ao escritor neurótico que anunciou o próprio assassinato. A polícia tem mais o que fazer.

Vai ver é por isso que romance policial não dá certo no Brasil.

## O sorriso do homem mau

(2013)

O homem abre o alçapão e desce a escada, mas o prisioneiro não se move. A luz do sol entra pelo quadrado no teto, deixando entrever a sombra deitada no colchão, como um graveto retorcido sobre um lençol que fede a mijó. O homem não fala nada sobre o cheiro ou sobre o silêncio. Deixa a bandeja diante do prisioneiro e acende a lanterna, direcionando o feixe de luz nos olhos do outro.

– Acorda, meu amor.

A voz suave bate nas paredes e escapa pelo alçapão. O prisioneiro abre os olhos lentamente e se encolhe como um rato medroso. Os ossos doem. Os tornozelos estão em carne viva, feridos por Vilma e Velma.

– A comida – o homem diz. – Fiz pro meu bebê.

Empurra o prato de alumínio com sopa de tomate. Há também uma espiga de milho, esverdeada, com fungos e casca. O prisioneiro continua deitado e encara o homem: pantufas rosa nos pés sujos, meias de bolinhas e um avental bordado com os dizeres “AQUI TEM GENTE FELIZ” que cobre a barriga peluda. Está exausto, mas acha graça.

– Alguém fez cocô – o homem diz. Franze o cenho, sacode a cabeça em tom repreensivo e some escada acima.

O prisioneiro sente a massa pastosa sob suas nádegas, como um colchão macio. Nos primeiros dias, ficava envergonhado. Agora não faz diferença. Os primeiros dias são como fantasia, um tempo difuso que só existe no terreno das palavras. Ele está acostumado à urina quente que desce pelas coxas e à crosta que se forma na fralda. Tenta girar o corpo, mas não consegue. Sente arrepios trazendo ruídos à cabeça. Ruídos afiados. A boca seca e a língua têm o ranço desagradável de quem não escova os dentes há muito tempo. Tem vontade de chorar. Debate-se, fazendo soar a orquestra de metais. A dor invade seu corpo, ácida, mas ele não para. Não pode parar. Geme, grita, xinga. Não chora.

Há dias em que ele acorda resignado. Sem nenhuma oposição, deixa que o homem realize o procedimento. As horas transcorrem mais depressa quando não tem esperanças. Naquele porão, o tempo é um conceito ilusório: segundos e dias se confundem de modo que uma linha cronológica – se fosse possível desenhar uma – seria feita de instantes recortados e reutilizados à exaustão, num corte e colagem infinitos. O prisioneiro nem sequer chama aquilo de rotina, pois – ainda lembra – a rotina é capaz de oferecer rescaldos e epifanias sutis. Chama de procedimento.

– Dante! – ele grita. A angústia o corrói. Dante.

O prisioneiro não reconhece a própria voz. Caso se olhasse num espelho, também não encontraria seu rosto. Tornou-se disforme, tosco, uma aberração. Sua identidade escorreu com o suor, com a tinta e com a dor. Restou o corpo flácido e repleto de cicatrizes. Se pudesse, ele se mataria. Certo dia (os conceitos de dia e noite também são difusos, guiados apenas pela luz solar que chega por Adolf), ele tentou cortar o pulso direito com a faca do almoço. A faca não tinha serra, de modo que a carne ofereceu resistência. Pele e artéria custaram a se romper, e a dor o impediu de evitar o grito. O homem chegou a tempo de

estancar o sangue e, desde então, não o deixa comer com garfo e faca. Apenas colheres.

O prisioneiro tem amigos no porão. Quando o homem está presente, seus amigos ficam calados, pois também sentem medo. Sozinhos na escuridão, falam muito, tentam distraí-lo dos dias ruins. Victor, seu predileto, é um príncipe generoso que mata sua sede. Anda silencioso nos últimos dias, e é possível que esteja tendo problemas familiares, pois chora um choro irritante, a conta-gotas. Vilma e Velma também são bondosas, enroscadas em seus tornozelos, com menos de cinquenta centímetros de comprimento cada uma. São gêmeas, ainda que Velma pareça mais gasta: tem uma coloração avermelhada e áspera que irrita sua pele e marca os pontos de contato com inchaços. O prisioneiro sabe que as irmãs não fazem de propósito. São vítimas da própria matéria: presas à parede, impedem que ele se movimente. Elas não gostam de fazer isso com ele e sempre pedem desculpas pelo inconveniente.

– É nossa obrigação – dizem em uníssono naquele lamuriar metálico.

O prisioneiro responde que não há problema, que sabe que elas o apoiam, assim como Victor. Os quatro contam histórias de vida, fazem piadas, visitam o passado e projetos esfumados de futuro. Nunca falam sobre o Grande Dia. Vilma, Velma e Victor sabem que esse é um assunto muito doloroso para o prisioneiro. Melhor esquecer e tentar seguir em frente. A vontade de fugir dali é unânime. Cochicham baixinho planos de escape para que Adolf não escute. Sentem-se ameaçados pela presença dele. Imponente, Adolf fica no teto a observá-los e escancara sua boca ameaçadora para que o homem desça a escada. O prisioneiro não gosta de Adolf, e nunca conversam.

O homem volta a surgir no topo da escada com o pacote de fraldas na mão. Coloca a mão na cintura, soltando o peso das ancas largas sobre as pernas.

– Vamos limpar esse bumbum! – grita lá do alto e desce os degraus como uma velha.

– Água – o prisioneiro pede. Evita conversar. Sabe que tentativas de diálogo alimentam a fantasia do homem. O silêncio é recomendável, mas a sede vence a cautela.

Com seus dedos largos e calosos, o homem gira Victor, que expele água em abundância. O prisioneiro bebe do copo e quase se engasga. Tosse. Não vomita porque não comeu. É puxado pelos pés imundos e escuta os trincos de Vilma e Velma se soltarem. Nesse breve momento de liberdade, o prisioneiro deveria tentar lutar. Mas está sem forças e deixa que o homem o leve para perto de Victor. A água está quente, pois o dia está quente e o sol escalda a caixa-d'água. Com sabão de coco, suas pernas cabeludas são esfregadas. A imundície descola da pele e escorre pelo piso. Tinta preta, lâminas de epiderme e crostas cicatrizadas. Suas pernas são erguidas, os adesivos laterais da fralda soltos. Nova fralda com cheirinho de talco e jasmim. Vilma e Velma envolvem seus tornozelos.

O prisioneiro sabe o que vem a seguir e grita. Não pretende ser ouvido e sabe que o homem não terá pena dele. Ainda assim, grita. Para espantar a sombra de dor. Tenta adiar ao máximo. Sempre dói. Não adianta. O homem reaparece com a maleta nas mãos. Maleta de couro vermelho. Vermelho sangue. Deita a maleta diante dele, faz correr o trinco num barulhinho perturbador. Por um instante, lhe ocorre que deve argumentar, explicar que aquilo não é preciso, que basta. Desiste. Ele é um objeto inanimado, um brinquedo fetichista. Por isso, desiste.

O homem retira a agulha comprida da maleta e passeia os dedos por ela. Sem querer, espeta o próprio indicador, marcado agora com um ponto de sangue. Não importa, deixa sangrar. O homem insere a agulha na esferográfica vazia e a conecta ao motor do barbeador elétrico desmontado. Abre o pote com tinta nanquim de cor preta, molhando a ponta da agulha. Examina o prisioneiro com seus olhinhos dementes. Diz que, dessa vez, terá que ser na sola.

Liga a *tatoogun* caseira à tomada. A agulha faz ameaças em seu vaivém automático, o som de besouro

traz recordações indigestas. O prisioneiro cerra os olhos, ainda gritando. Sacoleja involuntariamente, mas Vilma e Velma não conseguem deixá-lo ir muito longe. A pele queima. O homem investe a agulha contra a sola do pé do prisioneiro, rasgando carne e deixando tinta. O trabalho é cauteloso, mas pouco profissional. Desenha um 7 seguido dos números 3, 0 e 5. Ao desenhar o número 5, a agulha invade a pele com profundidade, deixando no ar um cheiro de carne tostada. Mais tarde, a pele expelirá a tinta em excesso, tornando o desenho pouco nítido. O homem não se importa com nitidez ou beleza. Diariamente, talha um número no prisioneiro. Quase não se vê pele, mas um corpo de cascas grossas e negras que cobrem partes de números disformes aleatoriamente espalhados. Tatuagem nas costelas. Tatuagem nos lábios, nas orelhas e no ânus. Como um calendário vivo, o prisioneiro geme e sangra. Cada dia de martírio está ali, contabilizado.

– Agora come! – o homem manda. Devolve a tatoogun à maleta e estica o prato com sopa e milho.

Por que milho?

Estão ali há muito tempo, e nunca houve milho. O prisioneiro sabe. O milho não faz parte do procedimento.

– Olhe o número na sola do seu pé. 7.305 dias – o homem diz.

Ele não entende.

– Não seja preguiçoso e faça as contas! – o homem insiste e sorri. – Hoje faz vinte anos. Vinte anos que estamos aqui juntos. Só eu e você, amorzinho.



© Wallace Nogueira

Raphael Montes nasceu no Rio de Janeiro, em 1990. Formou-se em Direito pela UERJ. Publicou contos em diversas antologias de mistério. *Suicidas*, seu romance de estreia, foi finalista do 1º Prêmio Benvirá de Literatura. Para mais informações, visite o site: [www.raphaelmontes.com.br](http://www.raphaelmontes.com.br).

Copyright © Raphael Montes, 2013

Gerente editorial: Rogério Eduardo Alves  
Editora: Débora Guterman  
Editores-assistentes: Johannes C. Bergmann e Paula Carvalho  
Assistente editorial: Luiza Del Monaco  
Assistente de direitos autorais: Renato Abramovicius  
Edição de arte: Carlos Renato  
Serviços editoriais: Luciana Oliveira  
Estagiária: Lara Moreira Félix

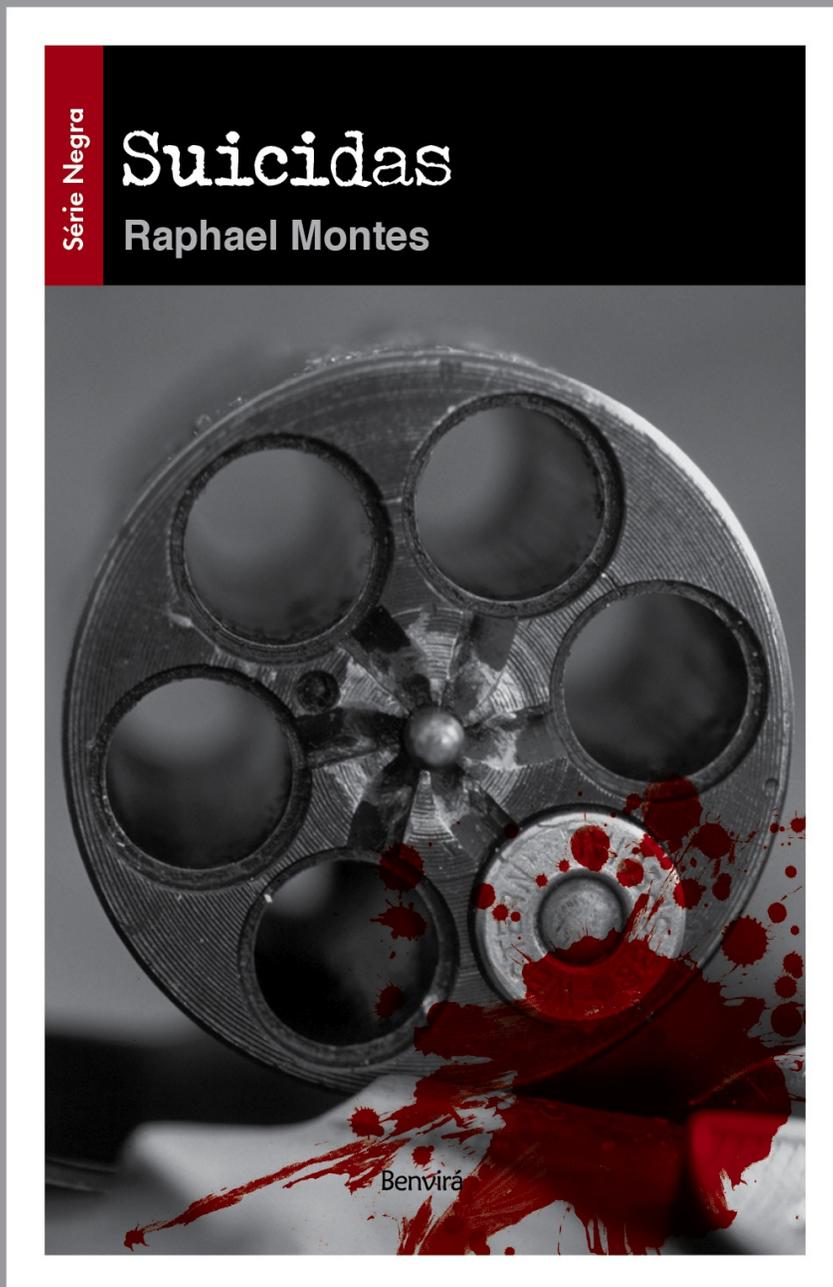
Revisão: Laila Guilherme  
Capa: Deborah Mattos

1ª edição, 2013

Nenhuma parte desta publicação poderá ser reproduzida por qualquer meio ou forma sem a prévia autorização da Saraiva S/Livreiros Editores. Violação dos direitos autorais é crime estabelecido na Lei no 9.610/98 e punido pelo artigo 184 do Código Penal.

Todos os direitos desta edição reservados à Benvirá, um selo da Editora Saraiva.  
Rua Henrique Schaumann, 270 | 8º andar  
05413-010 | Pinheiros | São Paulo | SP  
[www.benvira.com.br](http://www.benvira.com.br)

# CONHEÇA TAMBÉM:



**Um porão, nove jovens e uma Magnum 608. O que poderia ter levado universitários da elite carioca – aparentemente sem problemas – a participar de uma roleta russa?**

\*disponível nas versões impressa e digital

 [benvira.com.br](http://benvira.com.br)

 /benvira

 @benvira